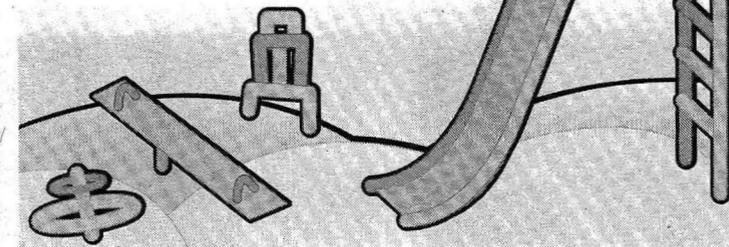


A falta que o lazer faz

▷ CARÊNCIA DE DIVERSÃO

Cidade	População jovem ¹	Espaços de lazer	Proporção ²
Brasília	40.944	275	148
Ceilândia	84.388	60	1.406
Riacho Fundo	8.687	10	868 ³
Santa Maria	22.599	10	2.259
Planaltina	16.133	37	436
Sobradinho	27.513	24	1.146
Distrito Federal	459.221	800	574



¹ Jovens de 15 a 24 anos. Dados do Censo Demográfico 2000 e de estudo da Secretaria de Turismo, Juventude e Lazer, de 1998.

² Número de jovens por espaço de lazer. Exemplo: no DF, a relação é de 574 jovens por espaço.

³ A cidade ganhou mais espaços de lazer desde o estudo. O número foi atualizado.

Rovênia Amorim e
Ana Lúcia Moura
Da equipe do **Correio**

Tédio, ócio, preguiça. Tanto faz. Na falta do que fazer, jovens da periferia do Distrito Federal simplesmente desperdiçam o tempo. Horas inteiras na esquina, na sombra de árvores ou das marquises da padaria e do mercadinho, vendo a poeira rodopiar. O dia passa monótono. No final da tarde, jovens chegam do trabalho e a turma aumenta, mas assim mesmo não dá para inventar muita coisa. Quem tem sorte de ter quadra de esporte perto de casa e pertencer à galera, tem lugar na pelada. Aos demais, nem isso.

A falta do que fazer é uma fonte de insatisfação para jovens e um problema social cada vez mais grave. Desde 1997, as pesquisas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) apontam que diversão, esporte e atividades culturais são fórmulas eficientes para afastar a juventude da criminalidade. “Não há mais dúvidas a respeito da relação entre ociosidade e violência”, afirma Marlova Noletto, coordenadora de Desenvolvimento Social da Unesco. É que, na falta de estímulos e de projetos de vida, muitos jovens acabam achando graça e prazer nas drogas e nos delitos.

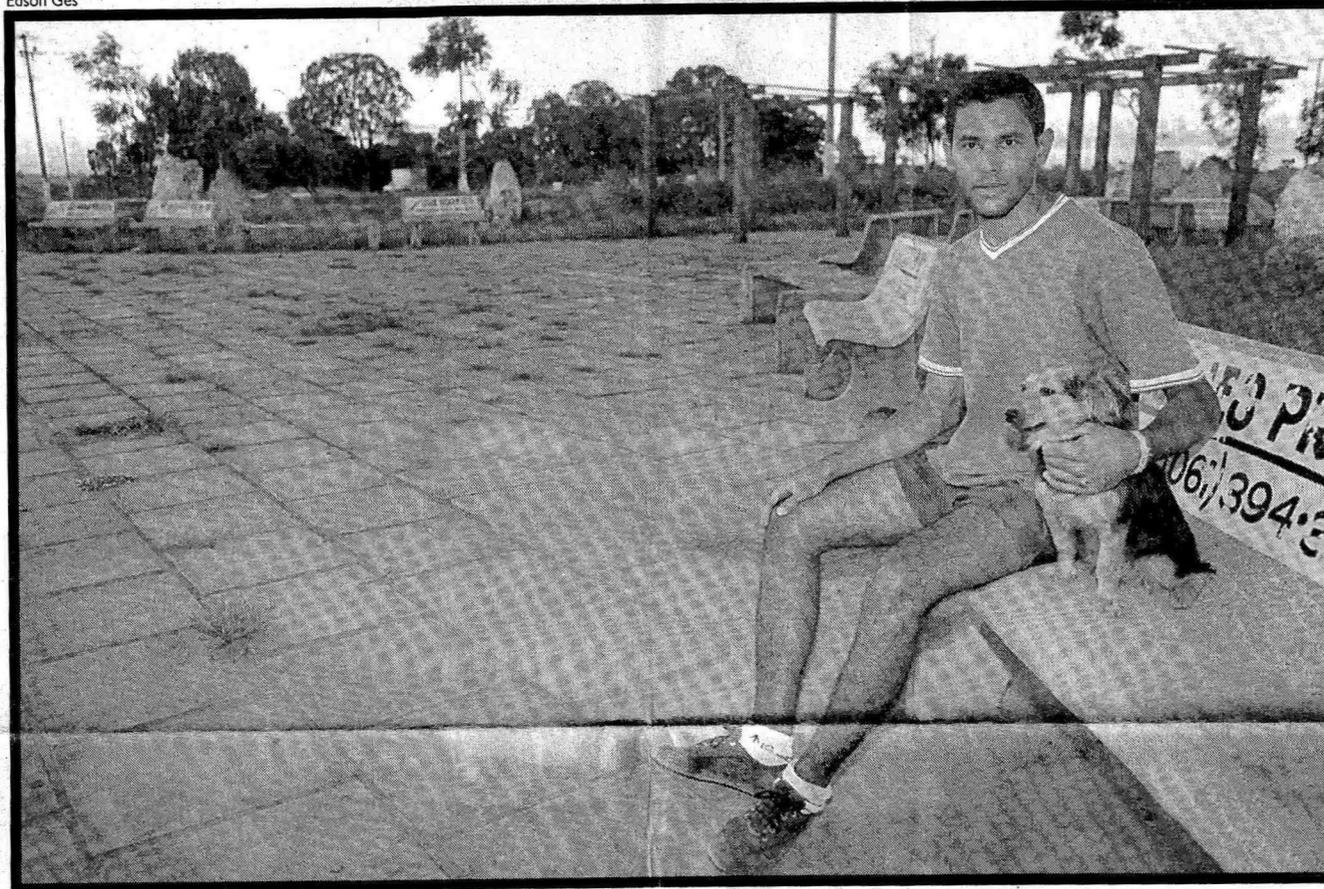
A faixa etária dos 15 aos 24 anos ganha destaque nas estatísticas de violência no Brasil. É uma fase de vulnerabilidade social — são potenciais vítimas ou protagonistas de violência. Os homicídios são responsáveis por um terço das mortes de jovens, segundo estudo da Unesco transformado no livro *Mapa da Violência II*, publicado em 2000.

No Distrito Federal, o percentual de homicídios de jovens dessa faixa etária é ainda mais elevado — 40,3% do total de mortes. O DF ocupa o 6º lugar no ranking nacional de homicídios de pessoas entre 15 e 24 anos. Na dianteira, estão Pernambuco (55,7%), Espírito Santo (50,1%), Rio de Janeiro (50%), São Paulo (45,1%) e Amapá (40,8%).

TOQUE DE RECOLHER

A situação preocupa mais na periferia. É justamente nas cidades mais pobres, carentes de infra-estrutura básica, de emprego e de alternativas de

Edson Gês



JALCIVONE USA A ÚNICA PRAÇA DE SANTA MARIA PARA FAZER EXERCÍCIOS. MAS ANTES DAS 19H30, ELE VOLTA PARA CASA: “AQUI É PERIGOSO”

lazer que os jovens matam e morrem mais. Samambaia, Santa Maria, Ceilândia e Planaltina aparecem nas estatísticas da Secretaria de Segurança Pública como cidades perigosas.

Os próprios jovens sabem disso. Uma parte não resiste. Compra revólver, trafica, rouba, entra para a gangue do bairro. Outra turma tenta se proteger e instituiu o horário do toque de recolher. Em algumas cidades não dá nem para conversar com os amigos na esquina. “Depois das 19h30 ninguém fica mais na praça. É perigoso”, explica Jalcivone de Jesus Mendes. O jovem de 22 anos mora em Santa Maria e todo final de tarde usa a única pracinha da cidade para aquecer os músculos antes de correr pelo calçadão mal cuidado da Avenida Alagados, a principal da cidade.

A cidade não tem cinema, teatro nem clube. A diversão dos jovens é a pelada no final da tarde. Mesmo assim, os cam-

pinhos de areia e terra, de tão disputados, viram motivo de briga. Santa Maria tem um dos menores índices de espaços recreativos no Distrito Federal. São 8.774 pessoas disputando cada um desses 10 lugares, o equivalente a 1,25% do total de espaços para lazer, cultura e prática de esportes no DF.

SEM EMPOLGAÇÃO

Dos mais de 800 espaços disponíveis no Distrito Federal, 34,3% estão concentrados em Brasília — um para cada grupo de 736 pessoas. Realidade muito distante de Ceilândia, outra cidade bastante violenta e carente de áreas de lazer. São 5.700 pessoas disputando cada um dos 60 espaços, ou seja, 7,5% das áreas para lazer do DF.

Os dados são de estudo da Secretaria de Turismo, Lazer e Juventude, elaborado em 1998 (*leia quadro*). O resultado apontou a carência de espaços e de polí-

ticas públicas para os jovens. No governo Joaquim Roriz, o programa *Esporte à Meia Noite* é uma tentativa de começar a mudar essa realidade. Mas a empolgação e o interesse dos jovens não são mais os mesmos desde o começo do programa, em 1999. “Não vou mais. O projeto está chato. Ninguém se empolga mais e o ônibus não passa com a mesma regularidade”, reclama Jeferson Batista, 17 anos, aluno da 6ª série.

O *Esporte à Meia-Noite* foi criado como medida de emergência para frear a violência praticada pelas gangues de jovens em Planaltina. O horário das 22h à meia-noite, depois da saída das aulas, era o período crítico. Disponibilizar ônibus para levar os alunos das escolas até as quadras de esporte e de lá até uma parada perto de casa serviu para reduzir a violência noturna.

O programa muda de nome e estratégia. É o *Esporte Total*. “Queremos o jo-

vem ocupado o tempo todo”, explica Paulo Bravo, coordenador do *Projeto Paz na Escola*. Com a volta das aulas, os adolescentes de 14 a 21 anos terão mais opção de horário para frequentar as quadras de esporte — das 8h à meia-noite. Apesar do desânimo e da reclamação de alguns jovens, o programa será copiado pelos governos da Bahia, Mato Grosso e Rio Grande do Sul como experiência bem-sucedida.

LAZER SEM ESPAÇO

Ganho por um lado, perda por outro. Os jovens de Planaltina levaram um golpe com o fechamento da Casa de Cultura, utilizada para aulas de dança de rua, capoeira e artes marciais. As organizações não governamentais (ONGs) que trabalhavam com jovens no local foram transferidas para o Ginásio de Múltiplas Funções, mas com restrições de dias e horários. Mais de 150 meninos e meninas perderam uma das raras formas de entretenimento na cidade. “As ONGs estão apavoradas, sem saber para onde ir. Os meninos ligam todo o dia perguntando quando poderão voltar”, lamenta João Batista de Jesus, coordenador da ONG Conspiração.

O desânimo de jovens que utilizavam as quadras do *Esporte à Meia-Noite* e o fechamento de um espaço cultural refletem a complexidade e a falta de prioridade nas políticas públicas voltadas para a juventude. “O estado deve criar um repertório de possibilidades para os jovens”, afirma Antônio Carlos Bramante, professor do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp (SP). “Construir quadras de esportes não basta. É como ter um teatro sem peça. Se o adolescente não gostar de esportes, adeus”, explica.

Talvez seja essa uma das razões pelas quais quadras construídas em cidades carentes acabam abandonadas e depredadas. “É preciso investir antes em gente. Espaço se improvisa. Serve a praça, a quadra da escola, a paróquia”, sugere Bramante. “O setor público tem de ter a consciência da diversidade dos desejos do jovem. O lazer pode ser empregado como mecanismo de controle social, mas precisa antes educar e ser prazeroso. Não pode ser parte de um cardápio de eventos do governo”, observa o especialista.